

# Motivação na aula de música: Reflexões de uma professora

ANA ESTER CORREIA MADEIRA\* E TERESA MATEIRO\*\*

## Resumo

O presente trabalho é um estudo de caso realizado com uma professora de música com o objetivo de discutir e contribuir para os estudos sobre motivação nas aulas de música do currículo escolar. Como ponto de partida foram consideradas as pesquisas realizadas no ensino fundamental que, de alguma forma, abordaram questões sobre o desempenho escolar dos alunos e o papel do professor no processo motivacional. Os dados foram coletados por meio de observações de aulas e entrevistas com a professora. A análise teórica pautou-se na definição do termo "motivação" e suas vertentes na educação escolar, considerando os tipos de motivação, as estratégias motivacionais, a figura influente do professor em sala de aula e a sua relação com os alunos. Os resultados mostram a escolha do repertório, a valorização dos alunos como agentes ativos, a parceria da professora de música com a professora de classe e os estímulos positivos dados aos alunos pela professora como os aspectos que mais motivaram os alunos a participar das atividades propostas nas aulas.

*Palavras-chave:* educação musical, motivação, ensino fundamental

## Motivation in music class: thoughts of a teacher

### Abstract

This paper is a case study conducted with a music teacher in order to discuss and contribute to the studies on motivation in music classes. A starting point was to search for researches carried out in elementary school that somehow raised questions about student's school performance, and teacher's role in the motivational process. Data was collected through classroom observations and interviews with the teacher. The theoretical analysis was based on the definition of the term "motivation" and its variations in school education context, considering the types of motivation, motivational strategies, the influence of the teacher in the classroom and the relationship between teacher and students. The results show that the choice of repertoire, the acknowledgment of students as active agents, the partnership between the music teacher and the class teacher as well as the positive stimuli from the teacher are aspects that motivated students to participate more during class.

*Keywords:* music education, motivation, elementary school

---

\* CEART - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

E-mail: ana\_ecm6@hotmail.com

\*\* CEART - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

E-mail: teresa.mateiro@udesc.br

## 1 Introdução

O ser humano, em todas as tarefas que realiza, deposita motivação, ou seja, em tudo o que ele faz a motivação está presente em diferentes graus de intensidade (Araújo, 2010), direcionando o sujeito na ação e, também, em qual será a sua escolha. De forma semelhante, Eccheli (2008) defende que a palavra “motivação” significa “provocar a atividade do indivíduo”. Segundo a autora, a motivação não é considerada um incentivo em si, mas um processo de incentivo que acontece quando há uma necessidade que desencadeia uma ação, ajudando o indivíduo a alcançar um objetivo. Trata-se de um procedimento cognitivo que desperta, impulsiona e conduz o ser humano a persistir em seus objetivos, guiando sua atenção e o auxiliando na busca e no desenvolvimento de suas ações até alcançar o que foi almejado. Essa vontade de poder fazer as coisas pode ser justificada por necessidade, desejo, interesse e/ou impulso, já que, de acordo com Falcão (1989), as razões que geram a atração por algo variam de pessoa a pessoa e de sua relação com o meio.

A motivação para a aprendizagem na escola é um tema presente nas reflexões dos professores e também dos estudantes em formação docente, pois em todas as áreas os docentes buscam por diversas estratégias, a fim de que os alunos tenham uma aprendizagem efetiva de forma prazerosa e criativa na sala de aula. É comum ouvir “não consegui dar aula hoje, porque as crianças não pararam um minuto, foi a maior bagunça” ou, ainda, “não sei o que fazer para que as crianças participem mais das atividades”. Sobre isso, Tapia e Fita (2001) ponderam que o maior desafio de um professor em atividade é a sapiência de como conseguir que seus alunos se comprometam com o ensino e se dediquem nas tarefas escolares.

O objetivo deste trabalho é discutir e contribuir para os estudos sobre motivação nas aulas de música tendo como objeto de pesquisa a percepção de uma professora sobre uma de suas aulas que foi ministrada para uma turma do quarto ano do ensino fundamental. Para tanto, procurou-se responder à seguinte pergunta: Na perspectiva da professora de música, quais são os aspectos de sua aula que motivam os seus alunos a participar das atividades propostas?<sup>1</sup>

Revisando a literatura na área da educação encontraram-se cinco tipos de publicações: aquelas que estudam o processo motivacional do aluno; as que estudam o processo motivacional do professor; as que focam a influência do professor na motivação do aluno; as que avaliam instrumentos de medida em motivação e, por fim, os estudos teóricos. Em educação musical, grande parte dos trabalhos trata

---

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi apresentada no SIMCAM8 (Madeira & Mateiro, 2013).

sobre o porquê e o como os estudantes e músicos se envolvem com o estudo da música.

Verificou-se que muitos estudos sobre a motivação apresentam definições das teorias psicológicas (Teoria da Autodeterminação, Teoria da Expectativa-Valor, Teoria do Fluxo e Teoria da Autoeficácia e Autorregulação), considerando-as fundamentais para a discussão dos dados obtidos como, por exemplo, a pesquisa de Araújo (2010) na área de educação musical. Segundo a autora, as pesquisas em educação musical são desenvolvidas com base em diferentes teorias, buscando a compreensão, entre outros pontos, de como é desenvolvida a vontade do indivíduo na continuação dos estudos musicais, como também as variações dessa persistência, o contexto de aprendizagem em que elas estão inseridas e as estratégias importantes que interferem nesse processo. Para o desenvolvimento deste trabalho foram consideradas as implicações educacionais das estratégias motivacionais adotadas pelo professor em sala de aula, sem incluir, portanto, as teorias acima mencionadas.

Como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa foram considerados os estudos que, de alguma forma, abordaram questões sobre o desempenho escolar dos alunos (Paiva & Boruchovitch, 2010; Martinelli & Genari, 2009; Martini & Del Prette, 2005; Henstschke *et al*, 2009; Pizzato, 2009; Rocha, 2006) e o papel do professor no processo motivacional (Oliveira & Alves, 2005; Veríssimo & Andrade, 2001; Price, 2010; Machado, 2004; Russell, 2005), ambos realizados no contexto escolar com turmas do ensino fundamental. Esses trabalhos contribuíram para entender, por um lado, as estratégias motivacionais adotadas pela professora participante deste estudo e, por outro, os aspectos que levam os alunos a se motivarem para se engajarem nas tarefas desenvolvidas em sala de aula.

## 2 Motivação na sala de aula

Quatro grandes classes da motivação são apresentadas por Tapia e Fita (2001): aquela relacionada com os desafios de uma tarefa ou motivação intrínseca; a referente à autoestima onde o foco são as relações de afeto; a centrada na valorização social que diz respeito ao contentamento que a aceitação dos outros produz no indivíduo e, por fim, aquela que indica a conquista de recompensas externas. No entanto, os autores ponderam que a motivação do aluno não se enquadra, simplesmente, em uma dessas categorias. É no decorrer da aprendizagem que componentes de cada uma delas são mostrados pelo aluno.

O fenômeno que melhor representa o potencial do aluno para alcançar objetivos nas atividades realizadas em sala de aula é a moti-

vação intrínseca, de acordo com o que afirmam Guimarães e Bzuneck (2002). Ela é entendida como uma disposição nata na busca de algo novo para trabalhar as próprias habilidades. O fato de a pessoa desenvolver uma determinada atividade está relacionado ao seu interesse que, de alguma forma, gerou grande satisfação em realizá-la. A motivação intrínseca no contexto escolar desperta o interesse para a aprendizagem, ou seja, os alunos ficam altamente engajados nos conteúdos apresentados e nas atividades propostas. Porém, esse é um fenômeno muito raro no ensino fundamental e médio. Conforme a citação abaixo, os autores reforçam a ideia, ao destacar que

um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (Guimarães, & Bzuneck, 2002, p. 2).

De acordo com Eccheli (2008), a motivação intrínseca é resultado da extrínseca, isto é, o aluno, ao sair da escola, continuará procurando e pesquisando sobre aquele conteúdo que foi apresentado e desenvolvido durante a aula. Assim, a motivação extrínseca se configura numa forma de incentivo e poderá gerar crescente autonomia até chegar à motivação intrínseca. Essa motivação não parte do aluno, mas de fatores externos, como “a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, ou com o objetivo de atender a comandos ou pressões de outros, ou ainda para demonstrar competência ou valor” (p. 2).

A motivação extrínseca, conforme continua Eccheli (2008), fortalece o bom comportamento através de reforços. Porém, se o reforço for entendido como recompensa instala-se, aqui, um problema, visto que a motivação não pode ser encarada como recompensa, pois o resultado seria o de aluno com mentalidade interesseira. A autora afirma que o uso de recompensas acaba suscitando algumas discórdias, principalmente, quando faz relação com aquelas para as quais o aluno se esforça, esquecendo-se do valor inserido na tarefa, que é a aquisição do conhecimento. A solução está em associar este prêmio à qualidade do trabalho e não à execução, pois a recompensa material, sem vínculo com a valorização do resultado, não leva a lugar algum.

Entendendo esses conceitos, existem estratégias motivacionais que podem orientar os professores em sala de aula, destacadas por alguns autores, entre eles Bzuneck (2010): “o significado e relevância das tarefas; características motivadoras inerentes a essas tarefas; o

complemento, como o uso de embelezamentos e reações dos professores às tarefas cumpridas e avaliadas” (p.13). A primeira estratégia defende que o aluno é motivado quando vê significado e importância nas atividades apresentadas, já que muitas delas possuem valor maior para algumas pessoas por gerar engajamento com um fim em si mesmo, o que é entendido por motivação intrínseca.

As características motivadoras, entendidas como níveis de dificuldade de que as atividades precisam dispor, fazem parte da segunda estratégia proposta por Bzuneck (2010). Se a atividade for simples demais poderá gerar tédio. Demonstrar a relevância da aprendizagem não é o suficiente para que os alunos se sintam motivados, pois, além disso, as atividades devem ser estimulantes e, por consequência, desafiadoras. Por outro lado, se a atividade for complexa demais, o aluno será levado a uma alta ansiedade, seguida de frustração e irritação, além da probabilidade de ele se autoavaliar como alguém incapaz. Portanto, uma atividade que carregue um bom desafio exigirá tempo para ser cumprida, pois se os desafios forem difíceis, mas tiverem grau acessível à capacidade do aluno, eles o incentivarão ao esforço.

A terceira estratégia compreende os complementos da aula, como os embelezamentos, ou seja, táticas inerentes ao ensino que auxiliam no desenvolvimento dos alunos durante as atividades. Bzuneck (2010) aponta vários tipos de embelezamentos, como o conflito cognitivo que acontece quando o interesse do aluno é despertado, e quando suas crenças são colocadas em risco diante de uma nova prova. A introdução de novidades também é um fator importante, pois atrai imediatamente a atenção do aluno. Há, ainda, a fantasia, pela qual os alunos exercem papéis fictícios na aprendizagem de determinado conteúdo.

Por fim, o *feedback* do professor, positivo ou negativo, correspondente às tarefas realizadas pelos alunos, é indicado como mais uma estratégia pedagógica. O *feedback* é considerado positivo quando informa ao aluno que sua tarefa está sendo bem feita, que ele está caminhando corretamente e que seu objetivo está sendo cumprido. Esse tipo de informação se diferencia do elogio, pois só deve ser proferido quando se tem certeza de que o aluno acertou. Já, o elogio contém “ênfase em aprovação e enaltecimento, demonstrando afeição positiva do professor, com valorização peculiar do que o aluno realizou” (Bzuneck, 2010, p. 32–33). O *feedback* pode ser negativo, não no efeito que ele causa, mas na correção de um erro quando aplicado como corretivo. É necessário ter cuidado, pois os erros precisam ser apontados, sem que o aluno incorpore esse fato como fracasso. É, pois, necessário que o professor esteja atento à maneira como ele cor-

rige o aluno, de forma que o erro seja uma alavanca para melhorar a aprendizagem.

Para Tapia e Fita (2001) o professor em sala de aula precisa considerar três fatores fundamentais que estão diretamente relacionados à motivação: o primeiro é que o aluno, por diversos motivos, é um ser humano diferente dos outros na sua forma de viver; o segundo é a necessidade de, muitas vezes, deixar de lado o planejamento, para atender a uma expectativa do aluno; e, por último, é importante ter em mente que o aluno não aprende só na escola, mas há uma dimensão contextual que influencia a sua aprendizagem.

Sobre o primeiro fator, Tapia e Fita (2001) ponderam que o docente precisa considerar o aluno como um ser único e que, por consequência, concentra uma força diferente, dependendo do trabalho que está realizando. Em função disso, é essencial reconhecer que o contexto social tem papel definitivo na motivação e interesse do aluno em aprender. O segundo fator implica “instaurar processos motivacionais que tendam a realimentar-se nos alunos. Para isso, é necessário promover uma interação de qualidade com os alunos baseada em seu conhecimento” (p. 9). Por fim, sobre o terceiro fator, o autor sugere que o professor conheça a dimensão do contexto da aprendizagem da criança, entendendo que a escola não é a sua única fonte de conhecimento. Saber motivar é ter presente as mais diversas realidades em sala de aula, desde os ambientes mais informais aos mais formais.

## 2.1 A relação entre professor e aluno

Um dos aspectos essenciais no processo de ensino e aprendizagem, destacados por Tapia e Fita (2001), é a importância da interação entre o professor e o aluno. Essa relação acontece por meio das mensagens que o docente transmite a cada aluno antes, durante e depois da atividade realizada. A figura do professor é essencial, especialmente no que diz respeito à sua postura em sala de aula, pois se o docente não está motivado ou satisfeito com a sua profissão, dificilmente ele gerará no aluno o interesse pela aula, pelo conteúdo.

De forma semelhante, Lisboa e Koller (2004) afirmam que a função do docente não é somente ensinar conteúdos, mas ser um agente da educação, de forma a promover a cidadania. Segundo os autores, “a função esperada para os professores consiste em oferecer às crianças oportunidades de vínculos no cotidiano, estáveis e saudáveis, que possibilitem a comunicação próxima, a troca de afeto, a reciprocidade e o equilíbrio de poder” (p. 202).

Na mesma direção, Guimarães (2004) destaca a importância da interação social para o aluno, pois isso faz com que ele se sintá per-

tencente ao lugar no qual está inserido. A escola é um dos contextos mais importantes para que isso aconteça, o que pode fortalecê-lo ou enfraquecê-lo perante as dificuldades inerentes a essa fase do desenvolvimento. O conteúdo não deve ser o foco do professor, mas sim as relações de amizade estabelecidas em sala de aula. Se o docente souber trabalhar com isso, favorecendo ambas as partes, o sucesso de uma aula estará encaminhado.

Lisboa e Koller (2004) defendem que a competência social, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e a motivação na aprendizagem resultam de uma interação de apoio e afeição entre o professor – como uma figura adulta significativa – e o aluno. O contrário, ou seja, uma relação de conflito pode se firmar num grande obstáculo para a aprendizagem escolar.

### 3 Metodologia

Uma professora de música de uma escola da rede pública de ensino constituiu-se no estudo de caso deste trabalho. Os primeiros contatos ocorreram por meio do correio eletrônico para combinar alguns pontos importantes como a data do primeiro encontro, a turma que seria observada (4º ano), o horário da aula e os documentos necessários que autorizavam frequentar a escola e realizar a pesquisa proposta.

Saber, na perspectiva da professora, quais foram os fatores que mais motivaram os alunos a participar da aula música foi o objetivo principal e, para esta finalidade, foram realizadas duas entrevistas, além da observação de cinco aulas. A coleta de dados foi realizada durante os meses de agosto a setembro de 2012. No primeiro contato com a escola, o propósito foi o de realizar uma observação para conhecer o ambiente e conversar com a equipe pedagógica. Em seguida, foram feitas cinco observações das aulas de música, com registro em vídeo. No quinto dia de ida à escola, a professora foi entrevistada por meio de uma entrevista semiestruturada (Triviños, 1987) e no final do mês de setembro por meio de uma entrevista de estimulação de recordação (Loizos, 2002; Rowe, 2009)<sup>2</sup>. O registro de ambas as entrevistas foi efetuado apenas em áudio. Para a entrevista de estimulação de recordação selecionou-se a aula onde mais atividades musicais foram realizadas e os alunos reagiram mais naturalmente frente à câmera.

O material coletado foi transcrito de forma literal, considerando o que aconteceu a cada minuto. Em seguida, foi organizado em grandes categorias de análise—que emergiram da leitura minuciosa dos

---

<sup>2</sup> Neste artigo, a entrevista semiestruturada e a entrevista de estimulação de recordação serão referenciadas da seguinte forma, respectivamente: (ESE – 29/8) e (EER – 28/9).

dados, a saber: professora, escola e aula de música. Referente à professora foram considerados aspectos sobre a sua formação acadêmica e musical, e sua experiência profissional (Figura 1). Na categoria escola foram incluídos fatores relativos ao contexto social, espaço físico e recursos, bem como a educação musical na instituição. Os aspectos relacionados à aula de música foram expostos e analisados com relação à motivação e participação dos alunos, aos desafios da professora de música, às estratégias motivacionais utilizadas por ela, o seu planejamento e a sua parceria com a professora da classe. No entanto, neste artigo, a discussão centrou-se, principalmente, nos dados inseridos na categoria “aula”<sup>3</sup>.

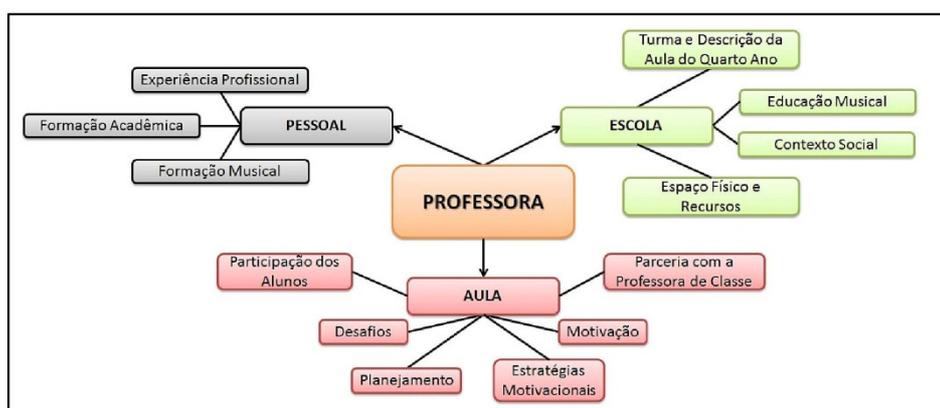


Figura 1: Mapa Conceitual das Categorias

Para maior credibilidade e confiabilidade<sup>4</sup> desta pesquisa a identidade dos alunos e professores participantes foi preservada. Todos os nomes são fictícios. As transcrições das entrevistas foram revisadas pela professora e o consentimento para filmagem e fotografia foi devidamente assinado pelos responsáveis.

## 4 Apresentação e discussão dos resultados

### 4.1 Motivação: “eles se empolgam mesmo com aquilo que está sendo feito”

É comum os professores associarem a motivação à disciplina dos alunos em sala de aula. A professora Helena não une estes termos, pois para ela as crianças permanecem disciplinadas quando ouvem umas às outras. Ela enumera quatro fatores principais que justificam a participação ativa de seus alunos: o canto como atividade fundamental, a presença da professora de classe nas aulas de música, a escolha de um aluno como ajudante do dia e o esquema de estrelinhas.

<sup>3</sup> Para ler o trabalho completo ver Madeira (2012).

<sup>4</sup> Foram observadas as determinações da Resolução nº 196 de 1996 CNS/MS que fixa as Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

O momento mais marcante das aulas em geral é, na opinião de Helena, quando os alunos estão fazendo música, cantando “suave”, “curtindo” aquele momento, dançando, movimentando-se junto com o ritmo. Esses são aspectos identificados através do brilho nos olhos das crianças, o que, segundo ela, é a melhor parte da aula, vendo “que eles estão entendendo, que fazem observações sobre aquilo, de tal trecho da música ou que começam a lembrar de coisas da vida deles. Eles se empolgam mesmo com aquilo que está sendo feito, então é o melhor momento” (ESE – 29/8).

O repertório musical tem ajudado no bom andamento da aula e fortalecido o engajamento dos alunos, isso por que grande parte é sugestão deles, diz a professora. O motivo de eles gostarem muito dessas músicas (*Aquarela, Amigo Companheiro, Era Uma Vez*, etc.) se deve ao fato de não terem ainda os “preconceitos” com os estilos musicais, mesmo que tenham as suas preferências. Estes pontos de vista confirmam o que diz Araújo (2010), ao destacar que em tudo o que o ser humano faz ele deposita motivação, ainda que seja em diferentes graus de intensidade. Por consequência, as ações do aluno estarão ligadas a estes fatores, o que significa que não depende apenas do interesse dele na atividade, mas também da necessidade e do desejo. De acordo com Guimarães e Bzuneck (2002) o fato de a pessoa desenvolver uma atividade com satisfação, significa que ela está relacionada ao seu interesse.

A constante presença e colaboração da professora Karen é um fator determinante para o sucesso da aula. Ela toca teclado, participa das atividades e tem uma postura bem firme com os alunos. Segundo Helena, “a presença dela [Karen] com certeza ajudou a render [...]. Já que quando eu estou sozinha, só com a turma, tenho de me preocupar muito mais em chamar a atenção dos alunos. Já com a presença da Karen, eles se portam melhor” (EER – 28/9). Sendo assim, o andamento da aula é evidentemente melhor com a parceria, apoio e o comparecimento da professora Karen. As duas professoras trabalham com os quartos anos dos dois períodos (matutino e vespertino) e, assim, ao longo do ano desenvolvem diversos projetos. Esta parceria confirma o que foi destacado na pesquisa de Oliveira e Alves (2005) sobre o “bom professor” ser aquele que se envolve com o trabalho e em resposta à sua dedicação obtém a motivação nos alunos.

A professora Helena também falou a respeito de um projeto que a professora Karen combinou com os alunos, com o objetivo de melhorar a participação deles. Além de ser escolhido o ajudante do dia, o esquema de estrelinhas, que se aplica a todas as matérias, também fez parte do planejamento. O esquema das estrelinhas é uma ideia que tem como objetivo melhorar a participação dos alunos em todas

as matérias. Eles são premiados com estrelas por seu desempenho e isso tem gerado um ótimo resultado, diz Helena. Essa ação está relacionada à motivação extrínseca que acontece por meio de reforços ou recompensas externas (Eccheli, 2008; Tapia & Fita, 2001). No entanto, é preciso ter cuidado para que os alunos não condicionem as suas atitudes em função das estrelinhas, pois a recompensa deve estar relacionada à qualidade da aprendizagem e não somente à execução das tarefas. Assim, as crianças ficam atentas ao que acontece em sala de aula, porque elas entendem o quanto isso é importante para o seu aprendizado.

#### 4.2 Desafios: “todo o professor é um herói”

O número de alunos em sala de aula, o ensinar os alunos a ouvir uns aos outros, as crianças com dificuldade de aprendizagem e a discrepância entre os alunos “rápidos” e “lentos” foram os desafios referentes à turma do quarto ano, destacados pela professora. Ter muitos alunos em sala de aula requer uma dinâmica diferente. Trabalhar com dez alunos não é o mesmo que trabalhar com trinta. Segundo Tapia e Fita (2001) trabalhar com seres humanos supõe conhecê-los individualmente e em sala de aula. Implica também em reconhecer os tipos de alunos: os curiosos, os conscienciosos, os sociáveis e aqueles que buscam vencer os desafios. Muitas vezes, um indivíduo pode deter características de mais de um desses tipos e se o docente souber interagir e negociar com eles, todos irão aprender ao entender a importância do que lhes foi apresentado de ambos os lados.

Referente à ação de ouvir, Helena coloca que quando a criança está ouvindo uma peça, ela precisa saber o que está procurando nessa audição, principalmente quando não conhece a música, pois se não for orientada, ela não prestará atenção no que está ouvindo. O maior desafio é criar um ambiente que motive os alunos a cantar e também ouvir o que o colega está cantando. De acordo com Lisboa e Koller (2004) dentre as funções do docente, uma delas é ser agente da educação, promovendo a cidadania entre os alunos. Para os autores, é preciso oferecer às crianças a oportunidade da convivência social no dia a dia de forma a permitir que se comuniquem e que haja reciprocidade entre elas. Assim, as relações de poder entre os alunos estarão equilibradas e eles entenderão a importância de escutar uns aos outros e saber a hora certa de contribuir.

A professora também fez menção ao aluno desta turma que tem uma doença degenerativa e que, naquele dia, caiu na sala de aula; ele tem dificuldades na aprendizagem, como por exemplo, o fato de não conseguir escrever o próprio nome de forma correta. Tales possui problemas na motricidade, visto que não consegue subir as escadas,

usando sempre a rampa da escola para se locomover. No entanto, segundo Helena, ele gosta muito das aulas de música, o que foi evidente, vendo-o participar ativamente da aula através do vídeo assistido e, portanto, torna-se um desafio trabalhar com ele, sendo necessária muita atenção e paciência. Neste caso, torna-se importante destacar que, de acordo com Tapia e Fita (2001), o professor precisa ter o entendimento de que há uma dimensão contextual que influencia na aprendizagem de cada aluno. Sendo assim, é imperativo conhecê-lo, saber de suas facilidades e dificuldades e tentar ajudá-lo de alguma forma a superá-las, mesmo que isso signifique enfrentar algum tipo de doença.

Outra questão realçada por Helena e com a qual é preciso ter uma dinâmica diferenciada é com relação aos alunos “rápidos” e “lentos”, ou seja, aqueles que terminam as atividades mais rapidamente do que outros e acabam achando chato quando é preciso repetir algumas coisas que eles já sabem. A professora procura lidar com eles, explicando que percebe o quanto eles são espertos, mas é preciso ter um pouco mais de paciência, pois alguns ainda não entenderam a atividade e precisam de mais tempo para finalizá-la. Momentos como esse corroboram o que dizem Tapia e Fita (2001) sobre a necessidade de deixar de lado alguns recursos ou, até mesmo, os planos feitos para a aula, para, então, atender a uma expectativa do aluno. Neste sentido, os autores sugerem que, agir assim, é apresentar um avanço à atividade proposta, buscando aumentar o nível de dificuldade, trazendo novos desafios. De acordo com Bzuneck (2010), as atividades devem sempre carregar um desafio que exija tempo para serem cumpridas, mas ao mesmo tempo, que tenha grau acessível à capacidade do aluno, incentivando-o a se esforçar. Frente a esses e outros desafios do dia a dia da escola e da sala de aula a professora Helena entende que o professor torna-se um herói.

#### **4.3 Planejamento e Estratégias: “eu só fiz de conta que não lembrava”**

Há muitas estratégias motivacionais que podem ser aplicadas no contexto escolar como, por exemplo, as apontadas por Bzuneck (2010). A professora Helena destacou algumas das quais ela considera importante para o bom andamento da aula de música, tais como levar os alunos a pensar, realizar a vivência musical através do instrumento, variar as atividades, escolher ajudantes do dia, dar crédito aos interesses dos alunos e, por fim, fazer comentários sobre o desempenho deles.

A professora relatou uma situação em que ela perguntava aos alunos como era a segunda parte da letra da música *Aquarela* e, ao as-

sistir ao vídeo, destacou: “Eu só fiz de conta que eu não lembrava, porque então eles têm de pensar” (EER – 28/9). Momentos assim desenvolvem a autonomia dos alunos, pois valorizam o que ela sabe, além de chamar a sua atenção ao que acontecia em sala de aula. Isso foi identificado várias vezes nesta aula, quando as próprias crianças pegavam suas pastas com o material da disciplina ou ajudavam os outros colegas, distribuindo a folha de atividades.

Esta estratégia é entendida por Bzuneck (2010) como um embelezamento da aula, ou seja, táticas de ensino que favorecem o avanço dos alunos durante as atividades realizadas. O fato de a professora fazer de conta que havia esquecido, com a finalidade de os alunos pensarem, pode estar ligado ao que o autor descreve como “conflito cognitivo”, que é o que acontece quando há o despertar do interesse do aluno e sua confiança é colocada em risco diante de um novo desafio. Eccheli (2008) também destaca que, ainda que as estratégias aplicadas sejam estímulos externos, elas se configuram em incentivos que geram a autonomia do aluno até chegar à motivação intrínseca. Por isso, é tão importante responder ao interesse dos alunos, pois, segundo Tapia e Fita (2001), cria-se um ambiente motivador.

A professora Helena ressalta que procura variar as atividades e atitudes, pois entende que se forem repetitivas chegará um momento em que os alunos não vão aguentar mais, gerando o tédio, conforme Bzuneck (2010). Em suas aulas além de cantar, ela procura ensaiar as músicas com o acompanhamento de instrumentos musicais, levar filmes relacionados ao conteúdo, realizar aulas ao ar livre, provocar os alunos à reflexão, fazer comentários sobre o desempenho, dar créditos aos interesses deles, etc.

O professor deve estar preparado para imprevistos, ou seja, ter sempre um “plano B”, diz Helena. A preparação de uma aula também prevê o tempo dedicado a cada atividade, pois muitas questões devem ser levadas em conta como o fato de alguns alunos serem mais rápidos que outros para terminar a tarefa. Nota-se que esses aspectos sublinhados pela professora são fruto de um processo reflexivo, pois ela mencionou que depois das aulas costuma analisar o que funcionou ou não. Assim, a variação de atividades é a principal estratégia que a professora usa para motivar os alunos em sala de aula, da mesma forma como foi destacado no trabalho de Russell (2005).

Em seu estudo Russell (2005) evidenciou o quanto é importante ter um planejamento estruturado na escolha do conteúdo e na aplicação das atividades. Na estruturação da aula o docente deve pensar em momentos conectados do início ao fim, dando sentido ao conteúdo transmitido. Além disso, a lógica e continuidade das atividades geram o bom andamento da aula e, conseqüentemente, chama as cri-

anças a se engajarem nas atividades. A autora destaca a importância de, numa aula de música, não considerar apenas o comportamento e a interação social dos alunos, mas ponderar sobre o planejamento do professor, os conteúdos com os quais ele trabalha e os objetivos atrelados a eles e, por fim, como o docente aplica e desenvolve as atividades planejadas.

### Considerações finais

Neste trabalho, o objetivo foi o debate, voltado à perspectiva da professora de música atuante numa escola pública, evidenciando os fatores que mais motivam os alunos durante a aula. Os resultados mostraram a motivação e a participação dos alunos, os desafios, as estratégias no planejamento de Helena e sua parceria com a professora da classe como os temas mais aludidos pela docente.

Sobre a motivação, a professora Helena destacou aspectos decisivos para que os alunos estivessem engajados em sala de aula. São eles: o aluno ser escolhido como ajudante do dia, a utilização do canto como atividade e a presença e a participação da professora da classe durante a aula, tocando teclado. A participação dos alunos está relacionada ao número de alunos por turma, aos recursos disponíveis, ao ensinar os alunos a se ouvirem uns aos outros, às crianças com dificuldade de aprendizagem e à forma como lidar com alunos “rápidos” e “lentos”.

As estratégias motivacionais consideradas importantes ao bom andamento da sua aula foram as seguintes: instigar os alunos a pensar, realizar a vivência musical através do instrumento, variar as atividades, escolher ajudantes do dia, dar crédito aos interesses dos alunos e fazer comentários sobre o desempenho deles. Contudo, dentre todos os comentários, os resultados indicaram que a variação de atividades foi a principal estratégia que a professora adotou para motivar os seus alunos em sala de aula. Dessa forma, o planejamento foi considerado pela professora de música um fator essencial para que a aula tivesse o andamento desejado, preparando o docente para os imprevistos que porventura acontecessem.

Haja vista os resultados colhidos, as reflexões decorrentes do processo de pesquisa e da análise dos dados foram variadas. Entretanto, ficou claro o quanto valorizar o interesse dos alunos e torná-los agentes ativos que auxiliam e tomam decisões é necessário e eficaz para o bom andamento em sala de aula. Entendemos que grande parte do bom andamento de uma aula de música ou qualquer outra disciplina depende do professor. Isto quer dizer que, o seu planejamento, a sua postura e a atenção que dedica a pensar em cada aluno são alguns dos pontos importantes que devem estar presentes na prática

docente, principalmente nos momentos de reflexão. Além disso, vale destacar que o exercício reflexivo do docente pode ajudá-lo a romper as barreiras impeditivas do sucesso da sua prática, vencendo os desafios sem, muitas vezes, precisar do auxílio das autoridades.

Destaca-se, ainda, a parceria da professora Helena com a professora da classe. Nem todos os docentes trabalham com a possibilidade de parcerias interdisciplinares. No entanto, considerando que Karen convive vinte horas semanais com o quarto ano, a presença dela gera um resultado diferente nas aulas de música, pois, de acordo com Helena, ela tem mais controle da turma. Isso é devido ao fato de ela estar com os alunos por muito mais tempo e os conhecer melhor, sabendo identificar o porquê de cada situação, auxiliando a professora de música. Neste caso, essa parceria funcionou para o trabalho de ambas as docentes, considerando que elas pensaram e fizeram o projeto para a classe, em conjunto. Pensamos que este é um ponto de destaque em todo o processo motivacional discutido neste trabalho.

O processo da pesquisa também gerou uma reflexão sobre o dizer de Helena, realçando que “todo professor é um herói”. Quando falou sobre este heroísmo a professora se referia aos desafios que ela enfrenta em sala de aula com turma de alunos adolescentes, principalmente, sendo a escolha do repertório o ponto frágil. Embora não seja o foco do trabalho, essa fala nos remeteu a pensar que ela traduziu o pensamento de muitos professores, pois considerando as condições atuais de ensino e os desafios enfrentados por eles, ensinar é, muitas vezes, um ato heróico. São muitos os professores que convivem com a violência da comunidade e até mesmo dos alunos, além de enfrentarem o descaso das autoridades com relação a salários dignos, recursos à prática docente, melhoria do ambiente escolar, entre outros fatores.

A partir desta investigação sobre motivação, realizada na aula de música, são abertos muitos caminhos para futuras pesquisas na área. Neste trabalho, foram apresentadas pesquisas feitas com professores e alunos do ensino fundamental, no que diz respeito a sugestões aos docentes para um ensino motivador, focando na motivação dos alunos na aula de música. Surgem, então, opções de aprofundamentos científicos como a relação entre professor e aluno, considerados determinantes para o engajamento do discente em sala de aula, bem como novas estratégias que também poderão ser consideradas pertinentes ao ensino de música.

## Referências

- Araújo, R. C. (2010). Motivação e ensino de música. In B. S. Ilari, & R. C. Araújo (Orgs.), *Mentes em Música* (pp. 111–130). Curitiba: Editora da UFPR.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96. *Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos*. Extraído em: [http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso\\_96.htm](http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm).
- Bzuneck, J. A. (2010). Como motivar os alunos: Sugestões práticas. In E. Boruchovitch, J. A. Bzuneck, & S. E. R. Guimarães (Orgs.), *Motivação para aprender: Aplicações no contexto educativo* (pp. 13–70). Petrópolis: Editora Vozes.
- Eccheli, S. D. (2008). A motivação como prevenção da indisciplina. *Revista Educar*, 32, 199–213. Curitiba: Editora da UFPR.
- Falcão, G. M. (1989). *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática.
- Guimarães, S. E. R. (2004). Necessidade de pertencer: Um motivo humano fundamental. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (Orgs.), *Aprendizagem: Processos psicológicos e o contexto social da escola* (pp. 177–199). Petrópolis: Editora Vozes.
- Guimarães, S. E. R., & Bzuneck, J. A. (2002). Propriedades psicométricas de uma medida de avaliação da motivação intrínseca e extrínseca: Um estudo exploratório. *Revista Psico-USF*, 7, 1, 1–8.
- Hentschke, L., Santos, R. A. T., Pizzato, M., Vilela, C. Z., & Cereser, C. (2009). Motivação para aprender música em espaços escolares e não-escolares. *Revista Educação Temática Digital*, 10, Edição Especial, 85–104.
- Lisboa, C., & Koller, S. H. (2004). Interações na escola e processos de aprendizagem: Fatores de risco e proteção. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (Orgs.), *Aprendizagem: Processos psicológicos e o contexto social da escola* (pp. 201–224), Petrópolis: Editora Vozes.
- Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 137–155), Petrópolis: Editora Vozes.
- Machado, D. D. (2004). A visão dos professores de música sobre as competências docentes necessárias para a prática pedagógico-musical no ensino fundamental e médio. *Revista da ABEM*, 11, 37–45.
- Madeira, A. E. C. (2012). *“Todo professor é um herói”: o professor e a motivação na aula de música* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- Madeira, A. E. C., & Mateiro, T. (2013). Peculiaridades da Motivação no Contexto de uma Aula de Música. In *Anais do IX Simpósio de Cognição e Artes Musicais*, 273–284. Belém: Universidade Federal do Pará.
- Martinelli, S. C., & Genari, C. H. M. (2009). Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. *Revista Estudos de Psicologia*, 14, 1, 13–21.
- Martini, M. L., & Del Prette, Z. A. P. (2005). Atribuições de causalidade e afetividade de alunos de alto e baixo desempenho acadêmico em situações de sucesso e de fracasso escolar. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39, 3, 355–368.

- Oliveira, C. B. E., & Alves, P. B. (2005). Ensino fundamental: Papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. *Revista Paidéia*, 15, 31, 227–238.
- Paiva, M. L. M. F., & Boruchovitch, E. (2010). Orientações motivacionais, crenças educacionais e desempenho escolar de estudantes do ensino fundamental. *Revista Psicologia em Estudo*, 15, 2 381–389.
- Pizzato, Miriam S. (2009). *Motivação em aprender música na escola: Um estudo sobre o interesse* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Price, G. (2010). Em direção à autenticidade: Encontro com a diferença. *Caderno Cedes*, 30, 80, 56–71.
- Rocha, T. D. (2006). *As motivações e as expectativas de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental com relação a uma oficina de flauta doce: Um survey de pequeno porte* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- Rowe, V. C. (2009). Using video-stimulated recall as a basis for interviews: Some experiences from the field. *Music Education Research*, 11, 4, 425–437.
- Russell, J. (2005). Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: Um estudo de caso sobre gestão em sala de aula. *Revista da ABEM*, 12, 73–88.
- Tapia, J. A., & Fita, E. C. (2001). *A motivação em sala de aula*. São Paulo: Edições Loyola.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Editora Atlas.
- Veríssimo, D. S., & Andrade, A. S. (2001). Estudo das representações sociais de professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental sobre a motivação do aluno e o papel do erro na aprendizagem. *Revista Paidéia*, 11, 20, 73–83.